

A LINGUAGEM DA DIVERSIDADE LGBTQIA+ COMO OPÇÃO DE USO: UM ESTUDO SOBRE ATITUDES LINGÜÍSTICAS

THE LANGUAGE OF LGBTQIA+ DIVERSITY AS AN OPTION OF USE: A STUDY ABOUT LINGUISTIC ATTITUDES

André Luiz Souza-Silva¹

RESUMO

As atitudes linguísticas dizem respeito às manifestações da atitude social dos/as falantes no que tange, especificamente, à língua e ao seu uso no seio da sociedade. Nesse sentido, o presente artigo analisa a preferência de uso de itens (não) linguísticos caracterizados como de LGBTQIA+, a fim de aferir atitudes linguísticas de LGBTQIA+ e Cis/Hétero. Para tanto, mobilizo conhecimentos da sociolinguística sobre variação, atitude e identidade linguística aplicadas ao gênero e à sexualidade. Este estudo é, predominantemente, qualitativo de caráter fenomenológico, realizado por meio de questionário, o qual possibilitou a geração de dados junto a 20 (vinte) participantes divididos/as em dois grupos: o da diversidade – 10 LGBTQIA+ – e o da heteronormatividade – 10 Cis/Héteros. Na direção desse trajeto metodológico, há dados indicando que alguns/algumas falantes LGBTQIA+ reconhecem como usuais itens linguísticos que envolvem variantes marcadas como frequentes em sua comunidade e configuram fenômenos de conjunturas pragmáticas particulares, sendo também usos linguísticos dos quais o grupo Cis/Hétero costuma se distanciar.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade linguística. Atitude linguística. Comunidade LGBTQIA+.

ABSTRACT

Linguistic attitudes refer to the manifestations of the social attitudes of speakers regarding, specifically, language and its use within society. In this sense, this article analyzes the preference for the use of (non) linguistic items characterized as LGBTQIA+, in order to assess linguistic attitudes of LGBTQIA+ and cis/heterosexual individuals. Therefore, concepts about sociolinguistic, variation, attitude and linguistic identity applied to gender and sexuality are mobilized. This study is mainly qualitative and phenomenological in nature, and it is based on a questionnaire, which enabled the generation of data from 20 (twenty) participants divided into two groups: diversity - 10 LGBTQIA+, and heteronormativity - 10 cis/heterosexual individuals. The data indicate that some LGBTQIA+ speakers recognize usual linguistic items which involve variants marked as frequent in their community. They are, thus, phenomena of particular pragmatic circumstances, which are linguistic uses from which the cis/heterosexual group is more distant.

KEYWORDS: Linguistic diversity. Linguistic attitude. LGBTQIA+ community.

Introdução

Os estudos linguísticos têm se dedicado à compreensão dos mais diversos usos da língua, estabelecendo cada vez mais a necessidade de investigar as variadas práticas linguísticas, as quais se configuram por meio de uma diversidade de falantes e comunidades. Assim, pode-se compreender de que maneira e em que aspecto alguns fatores ideológicos – configurados pela padronização social

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), andreluiz.bans@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-3560-9129>.

A linguagem da diversidade lgbtqia+ como opção de uso: um estudo sobre atitudes linguísticas

e homogeneidade linguística – têm estabelecido o prestígio de alguns recursos linguísticos em contraposição à estigmatização de outros.

Desse modo, o estudo de atitudes linguísticas é capaz de investigar a percepção do senso comum quanto às práticas linguísticas de grupos estigmatizados, como é o caso da comunidade LGBTQIA+ (lésbica, gay, bissexual, transexual, travesti, queer, intersexo, assexual e mais)². Nessa direção, utilizando metodologia adequada, é possível inferir a avaliação das pessoas quanto àqueles/as que estão mais próximos/as ou distantes de suas identidades sexuais e de gênero. Assim, é provável que quanto menor o engajamento na comunidade (Eckert, 2000), maior o estigma linguístico (Milroy, 2011).

Justifica-se o interesse nesse tema e as contribuições da pesquisa, primeiramente, pelo fator científico, uma vez que seu estudo contribui para o fortalecimento e desenvolvimento da linguística, especificamente dos estudos de atitudes linguísticas, e por seu foco em um grupo mais restrito, uma vez que se identifica a escassez de investigações que privilegiem a participação de pessoas LGBTQIA+ em pesquisas sociolinguísticas. Tal tema de pesquisa contribui também por seu viés social, pois a *LGBTfobia* é uma realidade nacional (cf. Benevides, 2023). Seu combate também se faz pela compreensão de aspectos da linguagem, uma vez que entendo a linguagem como aquilo que o sujeito tem de mais íntimo e o que representa sua subjetividade.

Na esteira dessa contribuição social, há o fator pedagógico, haja vista sua contribuição para os estudos sociolinguísticos na graduação e pós-graduação, bem como para as reflexões dos/as docentes das escolas de educação básica e/ou profissionalizantes, considerando que as variantes linguísticas estigmatizadas também devem ser objetos de reflexão e análise linguística. Por fim, há ainda a motivação pessoal e política, tendo em vista meu compromisso com o combate a toda e qualquer discriminação, considerando minha própria realidade, história de vida e experiências humanas e acadêmicas, uma vez que tenho me interessado pelas discussões sobre linguagem, gênero e sexualidade desde a graduação.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é indicar a preferência de uso de itens linguísticos caracterizados como de LGBTQIA+, a fim de aferir atitudes linguísticas de LGBTQIA+ e de cis/héteros. Para tanto, adota-se uma metodologia de natureza qualitativa de olhar fenomenológico, mediante estudo atitudinal, que aplica questionários para considerações da avaliação linguística entre o grupo LGBTQIA+ composto por 10 participantes e outros 10 compondo o grupo Cis/Hétero, os quais indicaram preferência de uso frente a alguns fenômenos linguísticos previamente estudados por outros/as pesquisadores/as (cf. Souza-Silva, 2022).

Na direção dessas considerações, esta pesquisa é de natureza qualitativa, considerando o caráter interpretativista como necessário para a leitura dos significados que os sujeitos atribuem às práticas

² Em diferentes investigações, com a finalidade de representar uma maior pluralidade de identidades sexuais e de gênero, é comum se identificar diversos formatos de siglas. No caso deste trabalho, assumo o uso de LGBTQIA+, considerando o sinal “+” como representativo das demais formas de viver as sexualidades e identidades de gênero. Dito isso, espero que todes da comunidade possam, de alguma forma, sentirem-se representades (ou não) pelas ideias que defendo aqui.

(socio)linguísticas. Evidencia-se assim uma ótica fenomenológica para a compreensão de determinada realidade ao trabalhar com as subjetividades. Nesse caso, interesse-me muito mais pelo processo do que pelo produto, não tentando, necessariamente, construir generalizações – tal empreitada se faz sob uma ótica sociolinguística.

Por fim, neste artigo, aciono conhecimentos tidos como tópicos temáticos da terceira onda da sociolinguística (Eckert, 2012). Não me debruço aqui sobre as ondas da variação à luz de Eckert, mas é de meu conhecimento que esses saberes são produzidos no interior da agenda variacionista em que o significado social da variação é mais explorado por diferentes instrumentos teóricos e metodológicos. Neste texto, apresento um recorte de minha dissertação de Mestrado em Linguística (PROLING/UFPB), na qual exploro e caracterizo o fazer da terceira onda frente aos fatores gênero e sexualidade (cf. Souza-Silva, 2022), bem como aponto para o que se desenha para abordagens de primeira e segunda ondas. Junto a isso, a fim de auxiliar o leitor, indico acesso às seguintes produções: Veloso (2014), Freitag (2015), Hora (2021) e Souza-Silva e Lucena (2021).

1. Atitude linguística: que babado é esse?

Uma das funções da linguagem é a metalinguagem. Em outras palavras, é possível usar a linguagem para falar de si mesma. Trata-se de algo comum – ainda que sem aportes e nomenclaturas técnicas – entre os/as falantes de qualquer língua, uma vez que qualificam e classificam falares no dia a dia: “o falar paraibano é arrastado”, “gíria é linguagem de marginal”, “linguagem neutra é aberração” etc. Nesse sentido, Cardoso (2015, p. 09) indica que:

[...] o falante, ao mesmo tempo em que imagina os fenômenos físicos, imagina também os fenômenos linguísticos. Esta representação não constitui um simples reflexo do comportamento linguístico, mas uma opinião mais ou menos autônoma e independente, da realidade observada.

Assim, é possível identificar que as variantes linguísticas são postas em um campo de representações. Tais representações podem ser **autorizadas**, quando proferidas por cientistas, ou **vulgarizadas**, quando manifestas por não especialistas (Cardoso, 2015). Junto a essas representações, Cardoso aponta o desenvolvimento das atitudes linguísticas: “o falante emite um julgamento sobre as variedades linguísticas, e associa a elas diferentes valores, hierarquizando-as [...]” (p. 9). Desse modo, os/as falantes podem ter atitudes normativas e puristas ou tolerantes. Tais atitudes são face de um julgamento social, mesmo que forjadas em argumentos estéticos, como também indica a autora.

Neste estudo, os fatores sociais e de registro são relevantes, uma vez que considero o seguinte: para o primeiro, há o desejo ou interesse em manipular características linguísticas que possam demarcar e distinguir em meio a outros grupos e/ou comunidades; para o segundo, existem os níveis de formalidade que configuram a interação verbal entre os interlocutores, indo da formalidade à informalidade em uma escala que poderá se reconfigurar sempre que necessário (Cardoso, 2015). Então, “o estudo das atitudes linguísticas é importante para a sociolinguística porque, a partir dele,

pode-se prever um determinado comportamento linguístico, como a escolha de uma língua ou variação particular em uma comunidade [...]” (Lopes, 2012, p. 51).

Junto a isso, ideias como lealdade, estigma e prestígio linguísticos se incorporam ao cognitivo dos/as falantes e os/as levam a uma ideologia linguística, por vezes, marcada por ideais hegemônicos, algo inexistente por força da heterogeneidade social. Na direção dessas questões, aponto o seguinte sobre o papel desempenhado pelas atitudes:

[...] função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (Lambert; Lambert, 1972, p. 83).

Como indicam os autores, as atitudes são como modos de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas e acontecimentos em nosso meio social, as quais são organizadas, coerentes e habituais, constituindo o que os autores chamam de “hábitos complexos”, que são aprendidos por ajustamento. Tais questões estão no seio da Psicologia Social e se alinham às proposições de estudos sociolinguísticos variacionistas, uma vez que se coadunam na compreensão do comportamento linguístico dos sujeitos, haja vista os fatores cognitivos, afetivos e reativos frente às variantes de uma língua. Dito isso, a linguagem configura os eventos comunicativos produzindo sentidos marcados por aspectos culturais e ideológicos. Então, ideologia e cultura encaminham para um construto sistematizado por crenças, valores e ideias que influenciam tanto a percepção quanto o comportamento dos sujeitos em relação à sociedade e ao grupo com os quais mantenham (ou não) algum contato.

Assim, ao refletir sobre as questões ideológicas que influenciam fala e falantes – positiva ou negativamente –, debruço-me sob o tema **padronização**. De acordo com Milroy (2011, p. 51, grifos do autor), “[...] o processo de padronização opera promovendo a **invariância** ou a **uniformidade** na estrutura da língua”. Nesse sentido, a padronização é um processo que regula o uso dos recursos linguísticos disponíveis em uma língua, indicando aqueles que funcionam no campo da formalidade e, por exclusão à norma, aqueles do campo da coloquialidade/informalidade. Ela é então fator contribuinte para a construção de estigma e prestígio linguístico, que não se limita às variantes, mas também engloba seus/suas falantes. Afinal, conforme Milroy (2011), o prestígio que se atribui a um código linguístico também indexicaliza, por metonímia, a vida social dos/as falantes. Nesse movimento metonímico, a questão a ser pensada está na coletividade, uma vez que essa relação fala-falante produz seus efeitos em meio às massas. Logo, há uma pulsão social que atua sobre tal relação e recai sobre os modos de ser e existir dos/as falantes.

Esse conceito de padronização funciona nas margens do linguístico e do social, uma vez que, sob o primeiro, há efeitos estruturais, buscando pela padronização do código linguístico, garantindo status oficial para compor a língua em nível oficial, garantindo dicionarização e menor estigma social; já o segundo se enquadra na padronização dos âmbitos de uso desses códigos, indicando quais são ou não adequados. Portanto, o efeito da padronização possui papel de destaque na interpretação da

simbiose entre fala e falante, haja vista a língua ser uma abstração que se manifesta por meio de agentes sociais.

Esse efeito é difundido por diferentes agências – escola, Academia de Letras, Universidades – e diferentes instrumentos – acordos ortográficos, dicionários e gramáticas –, lançando mão de diferentes mecanismos “[...] de padronização que a sociedade utiliza para pressionar o ser humano a se conformar e obedecer”, segundo aponta Martins (2010, p. 51). Baseado nisso, o autor possibilita refletir sobre o quanto a padronização é apresentada como busca por um símbolo identitário, o qual é forjado com ideais coletivos, mas produzidos na artificialidade. Entretanto, os papéis sociais envolvem diferentes comportamentos e sentimentos, motivando coletividades e individualidades em um movimento antagônico aos padronizamentos (Martins, 2010).

As atitudes linguísticas não estão isoladas, pois as atitudes são respostas aos efeitos da padronização. Por isso, concordo com o seguinte:

[...] as atitudes linguísticas são dominadas por posições ideológicas de poder que são amplamente baseadas na existência suposta dessa forma padrão, e essas, tomadas juntas, constituem a ‘ideologia da língua padrão’. Os falantes, normalmente, não têm consciência de que eles estejam condicionados por essas posições ideológicas: eles, normalmente, acreditam que suas atitudes em relação à língua sejam de senso comum e assumem que, virtualmente, todos concordam com eles (Hora, 2011, p. 19).

Diante da ideologia da língua padrão, considero oportuno pensar como é imprescindível produzir um novo senso comum sobre o que seja a língua, a norma e as variações. Na direção desse ponto de vista, é possível pensar sobre os condicionantes que induzem os/as falantes a atitudes que podem levá-los/as a “[...] reagir favorável ou desfavoravelmente a uma situação dialógica e que pode influenciar comportamentos positivos ou negativos” (Silva; Gomes, 2020, p. 55). Assim, a atitude linguística não é um fenômeno de acesso simples. Portanto, “a atitude deve ser encarada muito mais como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado” (Lucena, 2017, p. 65).

De acordo com Lambert e Lambert (1972), a atitude tem uma estrutura tridimensional. Tal estrutura é composta por uma face **cognitiva**, por outra **afetiva** e uma última, que é a **comportamental**. Segundo Lucena (2017), a dimensão cognitiva subjaz pensamentos e crenças, conhecimentos sobre verdadeiro/falso, desejável/indesejável; já na dimensão afetiva, há os sentimentos e emoções, posição positiva ou negativa a respeito do artefato da crença; por fim, na dimensão comportamental, há o componente de conduta, predisposição de resposta que direciona a algum tipo de ação.

A primeira dimensão é a mais profunda na consciência do/a falante, mergulhada nas condições neurobiológicas, por meio das quais se memoriza, percebe e também discrimina um recurso linguístico, por exemplo. Ademais, de acordo com Silva e Gomes (2020, p. 59), é neste nível que se encontram “[...] as formas mais primárias de valores e de estereótipos de fala”. O segundo nível está imbricado no primeiro, ao qual se atribuem valores com base em emoções. Dito isso, imagine que uma variante marcada LGBTQIA+ possa ser proferida em uma interlocução, na qual a variante rememore ao ouvinte

A linguagem da diversidade lgbtqi+ como opção de uso: um estudo sobre atitudes linguísticas

um evento desagradável. Nesse caso, o ouvinte atribuirá emoções à consciência linguística e, segundo esses autores, é nesse nível que os/as falantes fazem especulações valorativas como “correto”, “feio”, “pobre”, “favelado”. Logo, as dimensões primária e secundária se retroalimentam (Silva; Gomes, 2020). Sobre a dimensão do comportamento, os autores explicam o seguinte:

É importante salientar que por comportamento linguístico, não podemos entender causalmente como materialização de um registro linguístico previamente em contato ou treinado. O comportamento nos estudos de abordagem direta é a materialização da fala, isto é, a produção em si. Porém, os estudos de abordagem indireta, o comportamento é a avaliação linguística através das atividades de tarefa forçada para a obtenção dos dados em atitudes (Silva; Gomes, 2020, p. 59).

Os autores colocam em destaque as abordagens direta e indireta das atitudes. Tal questão é de natureza metodológica. A primeira, como o nome sugere, refere-se a uma ação de coleta com objetivo de obter respostas diretamente dos informantes, seja sobre certas variantes ou sobre grupos de falantes, por exemplo. Já a segunda, em contrapartida, busca mascarar seus reais objetivos por meio de estratégias sutis. Então, mesmo que os informantes saibam que estão na posição de juízes, não sabem exatamente o que estão julgando (Kaufmann, 2011).

A comunidade LGBTQIA+³ é heterógena em si, pois não é possível delinear totalmente suas dinâmicas identitárias, ou seja, não há como compartimentalizar os sujeitos da “liberdade sexual”. Então, para aqueles/as que tentam engavetar esses sujeitos, esses/as mesmos/as indivíduos/as acabam desempenhando comportamentos que destoam das normas sociais, inclusive das linguísticas. Entretanto, não se pode tornar o argumento simplista, como indica Preti (1984), ao dizer que não se pode resumir a decisão ao ato de ignorar a norma e o vocabulário padrão. Por isso, nesses casos, falar “vulgar”, fora dos “bons modos”, pode corresponder a uma atitude intencional.

Assim, atacam-se o sistema sexual pela delimitação biologizante, pois a orientação sexual é altamente ligada ao aparelho reprodutor; o sistema de gênero, por ser caracterizado binariamente, cabendo ao corpo masculino o papel de virilidade e dominância e ao corpo feminino o papel de inocência e subserviência; e, por fim, o sistema linguístico, o qual é naturalmente aberto à heterogeneidade⁴. Entretanto, por herança colonial, o sistema linguístico, com base na Gramática Normativa, é posto como uniforme por parte da sociedade que o manipula e o posiciona como símbolo máximo da pátria que não deve corresponder a práticas que se constituem como uma linguagem de rua, a qual é

³ Neste artigo, a noção de comunidade de prática perpassa minhas análises e considerações. Na direção desse conceito, compreendo se tratar da reunião de sujeitos que partilham comunitariamente uma bagagem social, cultural e ideológica em que valores e conhecimentos constantemente interagem uns com os outros, produzindo e reforçando valores e conhecimentos a serem postos em prática. Portanto, trata-se de uma construção forjada na prática cotidiana entre os sujeitos ao interagir uns com os outros e com outras comunidades (Eckert; McConnell-Ginet, 2010).

⁴ É importante destacar que, neste artigo, não me aprofundo no modo como a imposição de papéis de gênero social binário implica na marginalização da comunidade em questão, bem como de suas formas de representação, especialmente a linguística. Para mais considerações sobre esse tópico, sugiro ler Carvalho (2020), Rigaud Campos, Cerqueira (2022) e Cerqueira (2023).

produzida na batalha, nos territórios de prostituição, em esquinas na **interseção de** marcadores como classe e gênero (Araújo, 2018).

É nesse recorte que a metáfora do efeito espada/escudo (Souza-Silva, 2022) toma corpo, pois entendo que os/as falantes LGBTQIA+⁵, ao serem inferiorizados/as e subalternizados/as à cis-heteronormatividade, buscam mecanismos sociolinguísticos para agredirem intencionalmente os sistemas: sexuais, de gênero e o linguístico, sendo um movimento não só disruptivo, mas emancipatório, pois há uma busca pela libertação de diferentes amarras sociais que impossibilitam a esses sujeitos viverem de modo proativo. Essa postura de resistência se realiza por forças conservadoras que difundem práticas excludentes e discriminatórias. Nessa direção, deve-se compreender que o uso de determinadas variantes linguísticas nem sempre é resultado de ignorância, mas “podem significar, muitas vezes, uma atitude lingüística (sic) de oposição, de agressão consciente à linguagem padrão” (Preti, 1984, p. 71). Tal ação resulta de uma visão sobre o mundo em que, segundo Lima (2018), a forma de cada grupo enxergar o mundo representa uma parcela da percepção dos membros sobre a realidade em que vivem.

Assim, fica evidente, conforme Lima (2018), que, em algumas situações, a imagem de um/uma falante sobre o outro/a é encoberta por certa estereotipização, a qual pode ser determinada, por exemplo, por uma variante linguística, a qual, ligada a uma comunidade de prática LGBTQIA+, faz algum/a falante atribuir valores negativos. Isso contribui para uma visão deturpada não somente sobre o que é variação linguística, mas também do/a falante daquela variante, o que acarreta atitudes desfavoráveis.

Concebo o efeito espada/escudo como um elemento “**contralinguístico**” – à guisa do que Pereira (1983) conceitua sobre contracultura –, sendo fruto de uma cultura linguística marginal que, independentemente de reconhecimento oficial, existe, apesar das forças antagônicas da cultura dominante. Assim, pode se constituir em uma postura adotada em resposta à cultura prescritivista. Logo, trata-se de algo mais geral, mais abstrato, com certo espírito itinerante, a fim de contestar e enfrentar origens do tradicionalismo gramatical, tendo caráter radical e estranho às forças mais conservadoras de oposição a essa mesma ordem dominante que busca homogeneizar o suposto caos sociolinguístico. Então, em meio às relações de poder que determinam, discriminam, estereotipam e marginalizam, seja consciente ou inconscientemente, falantes inferiorizados/as socialmente podem agir no que concebo como “zona anti”, indo em oposição às atitudes, crenças e comportamentos dominantes tidos como corretos, morais, bons e/ou bonitos.

⁵ Entendo que a identidade da pessoa LGBTQIA+ não é elemento condicionante de seu comportamento linguístico, pois é condição necessária à sua identificação com a comunidade, já que não se trata de um fenômeno individual ou biológico. Sobre isso, Carvalho e Almeida (2017) realizam um estudo em que os resultados descrevem a forma como um sujeito homossexual da parte mais rica da zona urbana de Salvador participa da comunidade de prática gay e apresenta uma postura positiva de pertencimento. Sua identidade é construída por meio da produção linguística, resignificando itens como “mona”, “viado” e “gay”, os quais passam a funcionar como expressões de referência particular. Já o sujeito homossexual da parte mais pobre do lugar de estudo apresenta uma postura negativa e os itens linguísticos mencionados não lhe são confortáveis para a produção de sua persona.

2. Aquendendo a metodologia

Busco articular um olhar fenomenológico – grande área do conhecimento filosófico do Século XX, estabelecida por Edmund Husserl, matemático e filósofo alemão que buscou o rompimento com as ciências positivistas e com a abordagem ao historicismo e ao psicologismo na lógica, a fim de aplicar tais conhecimentos a uma postura sociolinguística. Na esteira dessa ideia, compreendo que a fenomenologia oportuniza uma forma crítica de pensar, considerando aquilo que se materializa pelos sentidos, percepções e essências. Por isso, de acordo com Edmund Husserl, “toda consciência é consciência de alguma coisa” (*apud* Zilles, 2007). Nesse sentido, opõe-se ao dedutivo e indutivo, pautando-se na subjetividade, considerando objetos reais, fantásticos ou sentimentais ao estabelecer uma forma de enxergar o mundo.

Dito isso, a fenomenologia é oposta ao mundo das ideias, pois, como o próprio nome indica, está no mundo dos fenômenos, buscando compreender como os fenômenos se apresentam em essência e caráter intencional. Nessa direção, é válido acrescentar que a percepção não é uma ciência do mundo, bem como não vem a ser um ato ou decisão definida. Mostra-se mais assertivo descrevê-la como o papel de parede sobre o qual todo e qualquer ato se destaca, sendo pressuposta pelo ato (Merleau-Ponty, 1999).

Exposto isso, a busca pela compreensão da relação entre fenômeno e o objeto se situa na experiência dos indivíduos centralizados em uma temporalidade em que se horizontaliza os fatos históricos. Desse modo, o envolvimento dos indivíduos com o mundo não é estritamente objetivo. Ele também é prático, afetivo, imaginativo, estético, econômico etc. Logo, existe pluralidade diante da relação sujeito x mundo, não se resumindo à cientificidade.

O desenvolvimento da pesquisa, sob o enfoque fenomenológico, busca por significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto de estudo, sendo pertinente à natureza qualitativa para investigações. Assim, o viés interpretativista é o principal diante das práticas linguísticas, coadunando-se com os significados que os indivíduos atribuem a tais práticas (Bortoni-Ricardo, 2008). Ela é também uma investigação do tipo descritiva, a qual foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFPB), sob protocolo 49561521.8.0000.5188, e considerada aprovada para desenvolvimento.

2.1. Um close nos/as informantes

O perfil dos/as informantes que selecionei como participantes da pesquisa é oriundo de uma triagem, mediante a qual excluí aqueles/as informantes com contato direto ou, relevantemente, indireto comigo, pois acredito que o distanciamento daqueles/as que conhecem nossas crenças e partilham de ideais semelhantes ou próximos favorece a busca por padrões regulares das opiniões, valores e avaliações que perpetram nossa sociedade. Além dos conhecidos – próximos ou não –, também excluí, obviamente, aqueles/as que não dispuseram de qualquer meio de contato, fosse telefone ou e-mail.

Dito isso, selecionei 10 sujeitos Cis/Héteros, sendo 5 do gênero feminino e 5 do gênero masculino, pois esse foi o número restante considerando os parâmetros de exclusão. Para tanto, todos/as concordaram com os procedimentos da investigação mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O grupo LGBTQIA+ se mostrou mais complexo para a seleção dos/as participantes, pois, apesar de utilizar os mesmos parâmetros de exclusão, o grupo indicava maior quantitativo de informantes e com células divergentes. Então, diante dos 26 informantes, realizei contato posterior para averiguar a disponibilidade, o que me possibilitou constituir o seguinte grupo de participantes: 1) resguardei a participação da única transexual; 2) de uma mulher lésbica; 3) de participante que indicou ser bissexual e assinalou a opção “outro” em identidade de gênero; 4) três mulheres bissexuais; e 5) quatro homens homossexuais, buscando tornar esse grupo heterogêneo, na medida do possível, os quais também concordaram mediante TCLE.

2.2. Um close no instrumento de coleta de dados

Lancei mão de questionário, um instrumento respondido pelo próprio informante, que foi produzido no *Google Forms*, com a tarefa de indicar a preferência de uso linguístico por parte dos/as participantes. Então, selecionei fenômenos indicados pelas pesquisas (socio)linguísticas de caráter *queer* que delinheio na íntegra da pesquisa fonte. As pesquisas foram as seguintes:

Quadro 1: Pesquisas utilizadas para a avaliação de itens (não) linguísticos LGBTQIA+

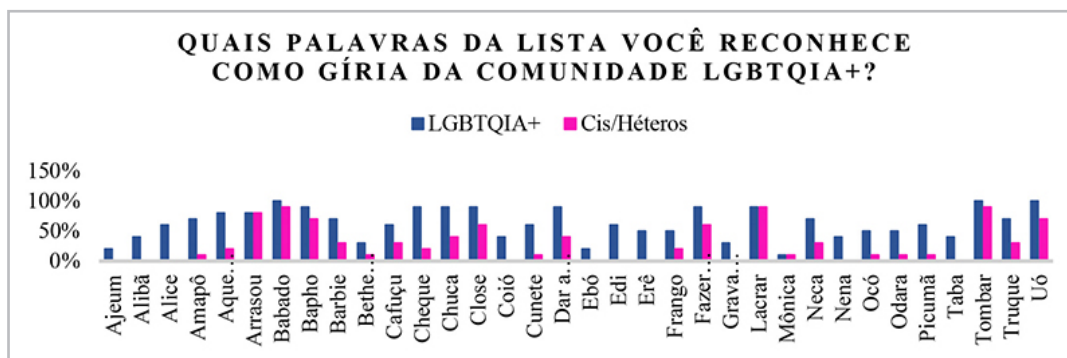
Fonte	Autor	Título	Ano
Dissertação	Barroso	Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT	2017
Dissertação	Félix	Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística	2016
Dissertação	Nogueira	O vocativo numa comunidade de prática gay de Serra Talhada-PE: descrição e uso	2019
Dissertação	Santana	Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay	2018
Dissertação	Viana	Estratégias de construção do ethos gay masculino no blog katylene.com: um estudo da multimodalidade e das gírias gay	2012
Tese	Alonso	Entre segredos e risos: gíria da diversidade sexual paulistana	2010

Fonte: Elaboração do autor

3. Análise dos dados: deu confusão e gritaria?

Irei iniciar pelas marcas lexicais, as quais compuseram o questionário mediante as coletas de Barroso (2017). Então, em uma consulta às análises e apêndices da dissertação do autor, fiz uma seleção dos itens lexicais recorrentes. A coleta mobilizou os resultados a seguir:

Gráfico 1: Reconhecimento de gírias da comunidade LGBTQIA+

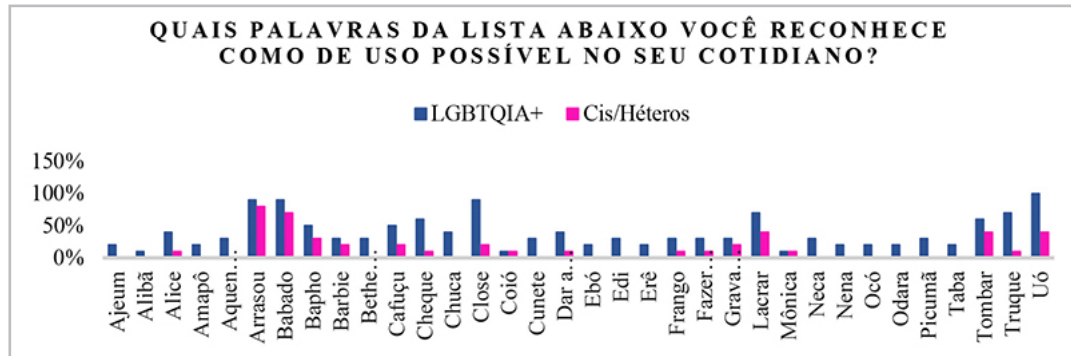


Fonte: Souza-Silva (2022).

Diante do questionamento sobre reconhecimento de gírias da comunidade LGBTQIA+, obviamente, sujeitos da comunidade em estudo demonstram percentuais maiores. Entretanto, é válido refletir sobre o alcance desses vocábulos para mensurar se estão migrando para a linguagem comum ou permanecem restritos ao grupo LGBTQIA+. Dito isso, de acordo com o gráfico (1), os itens **ajeum**, **alibã**, **coio**, **ebó**, **edi**, **erê**, **nena** e **taba** – com porcentagem entre 20% e 60% – são os indicados apenas por LGBTQIA+, sugerindo que esses termos são mais restritos a esses sujeitos, mas não de conhecimento de todos/as os/as participantes.

Todavia, trata-se de algo comum, haja vista esses recursos linguísticos serem compartilhados entre esses sujeitos em meio a comunidades de prática de atividades marginalizadas: prostituição, consumo de drogas, localidades periféricas e por meio de redes sociais “imorais”. Além disso, linguisticamente, essas gírias indicadas em nossos resultados como estritamente por LGBTQIA+ são de origem iorubá ou tupi, conforme Barroso (2017). Então, as que têm raiz mais distinta do português são mais restritas do que aquelas que têm sua semanticidade ampliada. Já as que fogem à regra, como é o caso de **neca** e **aquendar**, se dão por força da midiaticização (Preti, 1984), uma vez que a crescente midiática da comunidade LGBTQIA+ na última década é inegável. Logo, recursos linguísticos expressivos acabam sendo alvos de “curiosos”, quando utilizados por LGBTQIA+ em entrevistas, letras de canção, em *posts* na internet etc.

Apesar do reconhecimento, isso não determina o uso dessas gírias. Considerando o *corpus* reproduzido, é possível observar as gírias que estão na ala de **gírias comuns** e na ala de **gírias restritas**, como já apontara Preti (2010). Isso pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 2: Reconhecimento do uso de gírias da comunidade LGBTQIA+

Fonte: Souza-Silva (2022)

Conforme o gráfico (2), as gírias **ajeum**, **alibã**, **amapô**, **aquendar**, **Beth faria**, **chuca**, **cunete**, **dar a elza**, **ebó**, **edi**, **erê**, **neca**, **nena**, **ocó**, **odara**, **picumã** e **taba** são reconhecidas como de uso cotidiano apenas pelos/as participantes LGBTQIA+. Entretanto, não são todos que indicam fazer uso de tais recursos. Isso pode ocorrer pela menor proximidade com comunidades de prática que apresentem maior frequência de uso desses registros linguísticos. Afinal, trata-se de gírias que também estão no campo mais restrito da linguagem e que funcionam na dinâmica social das comunidades de prática LGBTQIA+.

Algo interessante foi a posição de alguns cis/héteros masculinos, uma vez que indicaram como possível o uso dos seguintes termos: **alice**⁶, **frango** e **gravação**, os quais devem ter sido considerados em sentido literal e não conotativo, ainda que informados/as de que se tratava de uma pesquisa sobre linguagem e identidade de sujeitos LGBTQIA+. Apesar disso, não se pode nem se deve considerar que aqueles/as que fazem tal uso estão incorporando em seu idioleto registros de práticas LGBTQIA+, haja vista esses termos serem correntes na linguagem geral, mas os LGBTQIA+ alteram seus significados no seio de suas práticas linguísticas.

Essas alterações de significado, adoção, empréstimos e criações linguísticas ocorrem pelo seguinte: “se uma classe marginalizada se sente hostilizada em sua maneira de falar, pensar e agir, é óbvio que seu sistema de defesa será ativado, e, assim, vai procurar uma outra forma de sair do universo invisível [...]” (Barroso, 2017, p. 95-96). Desse modo, quando um grupo é alvo de discriminação social, também utiliza de códigos linguísticos para construir ações de resistência ao se colocar em destaque e mobilizar toda a estrutura coletivamente.

Ao observar as gírias indicadas pelos dois grupos de participantes, há itens como **babado**, **bapho**, **lacrar** e **tombar**, que têm seus significados indo do concreto para o abstrato em sentido de ação positiva. Nessa reconfiguração de sentido positivo, há o verbo **arrasar**, o qual deixa de remeter

⁶ O termo “Alice” não se trata aqui do nome próprio, mas assume uma função semântica específica, quando o objeto direto do verbo “fazer”, como em “Fazer a Alice” = fazer-se de desentendido/a. Além disso, também “Alice” é mobilizada como uma categoria nominal opositiva, como em “Eu fui mesmo, porque não sou Alice”.

A linguagem da diversidade lgbtqi+ como opção de uso: um estudo sobre atitudes linguísticas

a algo triste/cabisbaixo. Além disso, há expressões como **dar a Elza** e **fazer a egípcia**, em que os verbos “dar” e “fazer” são caracterizados, por Barroso (2017), como modalizadores discursivos, favorecendo outras expressões como **dar close** e **dar o truque** e expressões antroponímias: **fazer a Katia**, **fazer a Glória**, **fazer a Sheila** etc.

Uma observação relevante é que o reconhecimento do uso desses registros no cotidiano é mais indicado por participantes cis/hétero do gênero feminino. Acredito que isso ocorra pelo compartilhamento de pautas entre mulheres cis/hétero e gays, lésbicas, travestis, por exemplo, em combate ao machismo e aos ideais sexistas que inferiorizam e subalternizam seus corpos e violentam suas vidas. Logo, pode-se refletir sobre um paralelo de libertação, no qual cis/héteros femininas lutam contra a misoginia e pessoas LGBTQIA+ contra a LGBTfobia, colocando em diálogo as agendas LGBTQIA+ e Feminista. Assim, as cis/héteros possuem atitudes mais positivas em relação a usos marcados como LGBTQIA+.

Exposto isso, e com base nos dados coletados, identifico um uso compartilhado desses itens linguísticos, os quais podem estar migrando para o grupo de gírias comuns. Assim como mencionamos sobre o reconhecimento de gírias típicas da comunidade LGBTQIA+ no Gráfico (01), entendo que a adoção de tais recursos, por parte dos/as que não compõem a comunidade, ocorre por força midiática. Por isso, concordo com o seguinte:

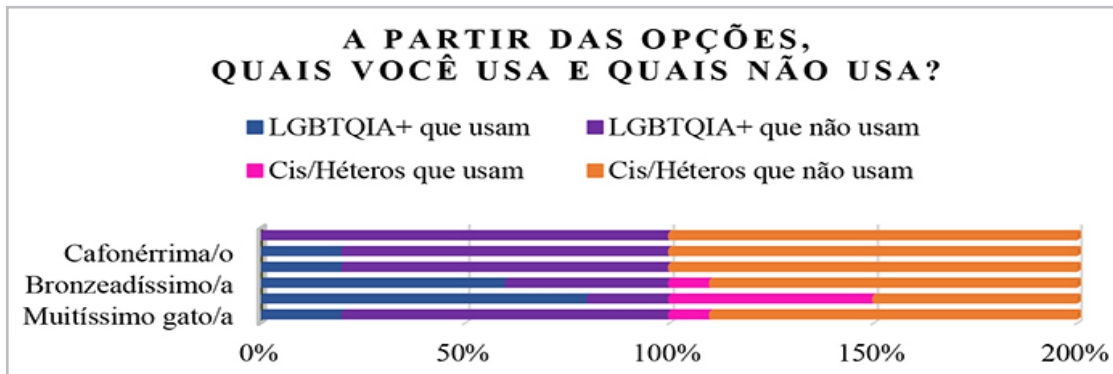
[...] a evolução social, o progresso, o desenvolvimento dos meios de comunicação em geral levam a uma tendência unificadora da linguagem, a partir da influência que se irradia dos grandes centros urbanos. Dentro dessa linha, observamos que a linguagem dos grupos restritos (marginais, estudantes universitários, etc) acaba por divulgar-se em curto espaço de tempo, através da ação da imprensa, da TV, do rádio, da música e literatura populares etc. (Preti, 1984, p. 19).

Como indica o autor, os grandes centros urbanos exercem influência no desenvolvimento dos meios de comunicação. Assim, é válido mencionar que parcela considerável dos/as participantes reside em João Pessoa e Campina Grande – municípios de grande representação econômica, acadêmica e cultural no estado da Paraíba. Na década de 80, Preti atribuía papel importante à televisão e ao rádio acerca da popularização dos vocábulos gírios. Atualmente, a internet exerce esse papel com maior tenacidade, uma vez que possibilita o acesso a diferentes mídias, inclusive sites que objetivam “ensinar” gírias da comunidade LGBTQIA+, além de vídeos disponíveis em plataformas digitais, comentários em redes sociais, sendo a mídia alternativa um recurso poderoso na difusão de formas linguísticas mais marcadas. As gírias, no século da mídia digital, podem ter seu valor tão efêmero quanto à moda, bordões de novela e memes da internet.

Nesse sentido, entendo, conforme o último autor citado, que a gíria vive etapas semânticas, uma vez que causas socioculturais são capazes de tornar termos de uso fechado em vocábulos populares, sendo descaracterizados e perdendo sua identidade semântica original ou atribuída. Desse modo, não basta marcar conflitos no sistema linguístico apenas no nível lexical, pois é um signo bastante acessível e que pode facilmente ser conhecido por aqueles/as que não compõem o grupo da diversidade sexual

e de gênero. Logo, é necessária uma busca por usos performáticos em outras instâncias do sistema linguístico, como se observa no aspecto morfológico no gráfico a seguir:

Gráfico 3: Preferência por marcador de intensidade



Fonte: Souza-Silva (2022)

O gráfico (3) apresenta os resultados coletados considerando o uso dos sufixos superlativos absolutos sintéticos {-íssimo/a, -érrimo/a, -ésimo/a}⁷. Para esse momento do questionário, baseei-me nos dados presentes na dissertação de Félix (2016), em que se identificam alguns usos não reconhecidos pela GN. O item **caretésimo** é um uso mais marcado do que “muito careta”, como indica esse mesmo autor. Esse recurso linguístico foi indicado por LGBTQIA+ e Cis/Héteros como itens que ausentes em suas comunicações cotidianas, cuja razão pode ser por sua construção mais complexa ou por ser uma derivação sufixal pouco convencional, em que o uso de {-ésimo/a} não é comum em formas derivadas, como é o caso de {-íssimo/a}.

Além disso, pessoas LGBTQIA+, ainda que tenham suas identidades sexuais e de gênero mais marcadas socialmente, não deixam de ser atores da trama nacional e local de teor conservador na qual vivemos, em que o tradicionalismo é característico em diferentes espaços, instituições, meios de comunicação etc. Ademais, esses itens performáticos não são categóricos em relação aos usos linguísticos de todo/a LGBTQIA+.

Diferentemente de **cafonérrima/o**, em que Cis/Héteros negam totalmente o uso dessa estrutura, no grupo LGBTQIA+, isso não é categórico, pois 20% indicam fazer uso do item linguístico em questão. Essa posição de resistência, apesar de não ser de uso geral de LGBTQIA+, é uma possibilidade de marcar conflitos por parte de alguns sujeitos desse grupo. O mesmo ocorre em relação ao item **lindérrimo/a**, pois Cis/Héteros posicionam categoricamente o não uso desse item, privilegiando o uso da forma tradicional “muito lindo”. Porém, 20% dos/as LGBTQIA+ adicionam o item sufixado como opção de uso cotidiano. Assim, as formas marcadas por {-érrimo/a} são indicadas como menos

⁷ Esse nível linguístico foi analisado por meio dos itens da investigação de Félix (2016). Logo, há limitações no sentido do próprio léxico, uma vez que os termos em si podem não ser correntes na linguagem cotidiana dos/as participantes, considerando que não analisaram estritamente o uso ou não dos elementos mórficos.

comuns no falar dessas pessoas, mas estão presentes no daquelas que se declaram LGBTQIA+. Isso deve ocorrer porque “[...] a comunidade LGBT ainda sofre uma forte repressão pela sociedade” (Félix, 2016, p. 76), utilizando esses registros para o efeito espada/escudo.

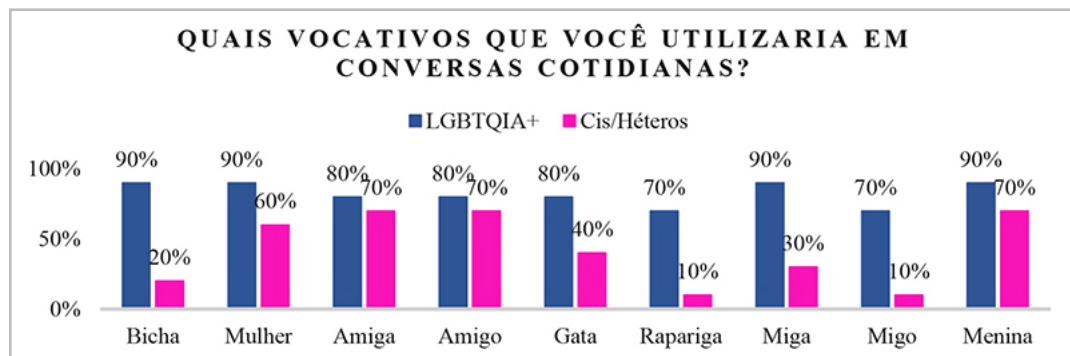
Por fim, os itens **bronzeadíssimo/a**, **belíssimo/a** e **muííssimo gato/a** têm seu percentual de indicação de uso elevado por parte de LGBTQIA+, em que a sufixação de bronzeado/a e belo/a apontam 60% e 80%, respectivamente. Entre Cis/Héteros, há apenas 10% e 50%, respectivamente, indicando o uso de tais fenômenos. Logo, Cis/Héteros dão preferência às formas acompanhadas por advérbios para indicar intensidade, a exemplo de “muito”, bastante corrente.

Inclusive, a forma “muito” é categorizada pela Gramática Normativa (GN) em duas classes de palavras: pronomes e advérbios. No último item do gráfico, identificou-se que o advérbio é quem passa pelo processo de sufixação, funcionando em “alto grau”, sendo pouco convencional, mas considerado como usual por 20% dos LGBTQIA+ e não usual por 90% dos Cis/Héteros. Na direção dessas análises, podemos perceber, conforme Félix (2016), que o uso do sufixo {-íssimo/a} em itens mais inesperados é mais marcado do que naqueles itens mais frequentemente superlativados.

Para além dessas questões, é válido indicar que **bronzeadíssimo/a** foi indicado como usual no grupo Cis/Hétero por alguém de gênero feminino e **muííssimo gato/a** por alguém do gênero masculino do mesmo grupo. Essas indicações de uso demonstram que não devemos ser categóricos com esses itens linguísticos tidos como estilísticos, pois diferentes questões atravessam tais usos, a exemplo da variável rede social, uma vez que esses falantes podem ter amigos/as da comunidade LGBTQIA+, serem simpatizantes do movimento etc. Além disso, como já mencionado, a mídia exerce seu papel nas influências linguísticas, especialmente no contexto digital da contemporaneidade, em que a internet desempenha forte papel midiático, atuando como recurso da publicidade, por exemplo.

Após a análise de itens mórficos, analisam-se aqueles itens linguísticos que trabalham no plano da sentença, trabalhando periférico à oração em função apelativa de 2ª pessoa, auxiliando na troca de turnos, por exemplo. Trata-se do vocativo, item gramatical pouco investigado no seio das discussões linguísticas nacionais e, especificamente, da Sociolinguística. Para tanto, selecionei os vocativos coletados por Nogueira (2019). Aqui, os/as participantes indicaram o uso da seguinte forma:

Gráfico 4: Preferência de vocativos associados às práticas de LGBTQIA+



Fonte: Souza-Silva (2022)

No gráfico (4), há os/as LGBTQIA+ que lideram o uso dos itens indicados. Os vocativos **bicha**, **mulher**, **amiga** e **gata** estão entre os mais frequentes na pesquisa de Nogueira (2019), sendo indicados pelos/as participantes LGBTQIA+ como de uso corrente em suas comunicações cotidianas. Contudo, **bicha** guarda maior marcação LGBTQIA+, corroborando a análise de Nogueira sobre esse vocativo reafirmar as identidades desviantes no contexto da comunidade em estudo.

Mais uma vez, um informante do gênero masculino e outra do feminino do grupo Cis/Hétero indicaram uso do item **bicha**, acentuando a interpretação sobre não se essencializar análises estilísticas. Como indica Freitag (2015, p. 39), generalizações são perigosas, ainda mais perigosas quando são “[...] as generalizações feitas a partir de resultados de sexo/gênero nos estudos sociolinguísticos brasileiros”. Dito isso, ressalto que os/as participantes que indicaram o uso de **bicha** não foram os/as mesmos/as que indicaram o uso de **bronzeadíssimo/a** e **muííssimo gato/a**. Isso resguarda que os/as participantes vivenciam as dinâmicas de uso da língua de diferentes formas, as quais não estão engessadas nas variáveis, inclusive de sexo/gênero. Além disso, é oportuno pensar na possibilidade de valor distinto em relação aos usos do sufixo e do vocativo, já que “bicha” serve a fins mais discursivos no interior das práticas linguísticas. Logo, a possibilidade explícita do tom jocoso/agressivo/pejorativo/violento que esse item linguístico preserva deve recair sobre as tendências de reação.

Vale a interpretação sobre o uso do termo **bicha**, o qual é tão comum e corriqueiro para LGBTQIA+, mas que, por percepção comum, é tão utilizado como insulto entre homens, seja numa espécie de “brincadeira” ou com intenção de atacar, verdadeiramente, suas masculinidades. A pesquisa de Souza-Silva, Dias e Bezerra (2021), sobre o uso de termos de chamamento em contexto escolar e seus níveis de agressividade, indicou **bicha** como o mais frequente e entre os três tidos como mais agressivos. Logo, é importante estar consciente de que, no interior das comunidades, especialmente as de prática, o termo “bicha” funciona com diferentes intenções, mas sempre associado e tendo como referência o sujeito homossexual, particularmente, o afeminado.

De acordo com Green (2019), sobre esse termo, não se sabe a origem exata. Há a hipótese de que tenha aparecido no começo do Século XX. Acredita-se também que seja uma adaptação do vocábulo francês “biche”, que significa corsa, feminino de veado. O termo “biche” também era usado para se referir a uma jovem mulher francesa. Já no contexto brasileiro, o item “biche”, que viraria “bicha”, seria usado no início do Século XX para designar prostitutas, especialmente os prostitutas afeminados. Dito isso, o termo está associado aos domínios do feminino, remetendo à fragilidade e passividade, características socialmente inferiorizadas.

Com base nisso, fica em destaque que, em um movimento de “inversão performativa da injúria” (Butler, 1997 *apud* Borba, 2020), sujeitos LGBTQIA+ ressignificam seus chamamentos em símbolo de batalha e indignação social, como ocorre também com **viado**, **sapatão** e **travesti**. Nesse sentido, identifica-se um mecanismo de materialização linguística do efeito espada/escudo, bem como ocorreu com o termo **queer** no contexto estadunidense. Sobre essa ressignificação, acrescenta-se o seguinte: “[...] uma estratégia de ressignificação que vira a ofensa do avesso, dobra-a sobre si e se apropria de

seu poder político para produzir lugares de identificação e aliança. Essas reapropriações de sentido são uma das principais estratégias de contestação queer [...]” (Borba, 2020, p. 10).

Nessa direção, para além de reapropriar-se do termo, faz-se necessário que, no interior da comunidade LGBTQIA+, especialmente entre homens gays, o uso de **bicha** deixe de ser valorado na intenção de marginalizar algumas masculinidades, construindo entre cis/gays, que se identificam como “ másculos”, uma cultura de compreensão sobre a importância em não estereotipar o que seja ser bicha, pois não há hierarquia sexual entre ser bicha, viado, mona, gay, homossexual etc., uma vez que esses termos foram criados para rotular uma questão geral: homens que sentem atração sexual por outros homens.

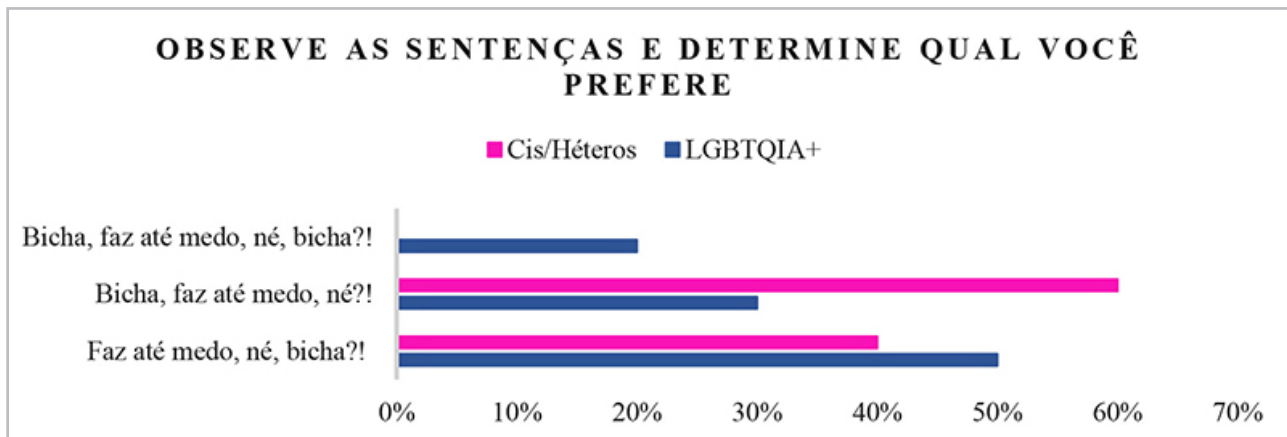
Outrossim, compreendemos que, como indica Trevisan (2018), por força da AIDS – e a doença ter sido rotulada como “peste gay” –, muitos queriam se distanciar da figura da bicha afeminada, tão recorrente entre os anos 60 e 70. Entretanto, a diferença entre esses rótulos é atributo social, resultado de diversas violências por força de diferentes questões, como a socioeconômica⁸. Portanto, o discurso de que “existe o gay e existe a bicha”⁹ deve ser fortemente combatido no interior da comunidade, para que se possa dar um passo à frente no combate às discriminações.

Para além da preferência desses itens, foram analisadas suas posições junto às orações. No estudo de Nogueira (2019), verifica-se maior ocorrência dos vocativos na posição final (44%), à direita; seguida pela posição inicial (19%), à esquerda; e dupla marcação (vocativo + oração + vocativo) como a menos usual (8%). Com base nos dados, a autora realiza uma comparação com uma pesquisa realizada por Juliana Costa Moreira acerca de um mapeamento da presença do vocativo no português brasileiro nos Séculos XIX e XX, baseado em textos teatrais, com a finalidade de identificar uma possível tendência de mudança linguística.

Essa comparação aponta que é possível haver uma tendência geral de mudança linguística em relação ao posicionamento do vocativo na posição final junto à oração, seguida da maior incidência de uso na posição inicial e, em último, a dupla marcação. Essa interpretação leva a autora a indicar que não há especificidade em relação ao posicionamento do vocativo na “fala gay”. Entretanto, parece-me importante observar essa preferência em meio aos grupos LGBTQIA+ e Cis/Hétero de minha pesquisa. Para tanto, essas posições foram apresentadas aos/às participantes e obtive os seguintes dados:

⁸ Apesar de não explorar análises interdependentes entre variáveis ou uma interpretação sob ótica interseccional, acredito que é valioso pensar em tal possibilidade. Afinal, a interação entre opressões de gênero, de sexualidade e de classe convergem. Isso se dá, acredito, por força do fator étnico-racial, uma vez que mulheres cis e homens gays, por exemplo, ainda que alcancem algum nível socioeconômico relevante, caso sejam afro-brasileiros/os, continuarão sendo oprimidos/os e necessitarão reforçar seu *status* socioeconômico a fim de se sobressair na estrutura Capitalista em que vivemos, mas também marcadamente racista, para que sejam autorizados/os a performar gênero e sexualidade com alguma liberdade.

⁹ No senso comum, as pessoas compartilham ideais de sexualidade. Após a demanda de políticas públicas se tornarem mais efetivas, o sujeito homossexual passa a ser percebido de modo mais positivo. Contudo, em uma estrutura socialmente marcada, e como ocorre no Ocidente, esses corpos homo não deixaram de ser marginalizados. Assim, as pessoas procuram por outros recursos de marginalização para registrar a exclusão de corpos, por exemplo, de sexualidades dissidentes. Então, existir o “gay” é existir um sujeito que obedece aos parâmetros que a classe dominante aponta como adequados. Os sujeitos que desobedecem precisam ser nomeados. Assim, “bicha” serviria a essa finalidade.

Gráfico 5: Preferência de localização do vocativo em sentença

Fonte: Souza-Silva (2022)

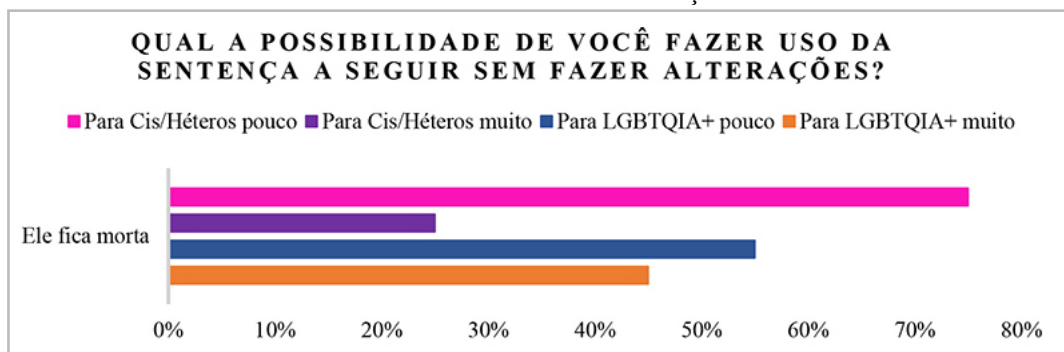
No gráfico (5), há LGBTQIA+ que indicam preferência nas três posições. Entretanto, 50% preferem a ordem em posição final junto à oração, pouco maior que os Cis/Héteros (40%). Já em relação à ordem inversa, Cis/Héteros saem na frente, registrando 60%, e LGBTQIA+ 30%. Logo, em relação às posições padrão e reconhecidas formalmente pela GN, os dois grupos guardam maior preferência por esses usos. Entretanto, 20% do grupo LGBTQIA+ indicaram preferência pela dupla marcação, posição não reconhecida pela GN. Afinal, para os preceitos desse antiquíssimo compêndio, marcar um item duas vezes seria algo desnecessário, mas “[...] o uso do duplo vocativo serve ao propósito comunicativo como recurso enfático [...]” (Nogueira, 2019, p. 69).

Portanto, a depender da intenção enunciativa do/a falante/escrevente, a ordem dos itens que compõem um enunciado pode ser modificada. Assim, caso o/a falante/escrevente tenha interesse em colocar em evidência mais o/a interlocutor/a do que o acontecimento, pode trazer o vocativo para a posição inicial junto à oração para que ganhe maior destaque do que o acontecimento. Também pode ocorrer o contrário: para evidenciar mais o acontecimento do que o interlocutor, o/a falante/escrevente leva o vocativo para a posição final junto à oração, colocando a ação em destaque, por exemplo, uma vez que a escolha de perspectiva por parte do/a falante não é ingênua e/ou sem significado.

Portanto, é no jogo das atividades linguísticas que podemos mapear essas intenções discursivas, considerando variáveis diversas, como tópico da conversa, interlocutores/as, seus papéis sociais etc. Todavia, de modo mais geral, há pessoas LGBTQIA+ que optam por marcar como usual aqueles itens mais estigmatizados, tornando-os, conseqüentemente, mais marcados.

Ao tratar de usos estigmatizados, os casos de concordância de gênero não padrão têm destaque. No estudo de Nogueira, um fenômeno de não concordância de gênero me chamou a atenção: **ele fica morta**. Então, foi adicionado esse item de verificação no questionário, interrogando sobre o nível de probabilidade de uso por parte dos grupos participantes. Foram obtidos os seguintes resultados:

Gráfico 6: Probabilidade de uso de sentença não normativa



Fonte: Souza-Silva (2022)

Conforme o gráfico (6), há Cis/Héteros (75%) indicando pouca possibilidade para o uso de uma construção como a destacada, mas 45% do grupo LGBTQIA+ indica o uso como provável. Logo, é possível que sujeitos LGBTQIA+ “firam” mais a regra de concordância do gênero indicada pela GN, servindo a uma intenção que demarque a fluidez do gênero social (cf. Carvalho, 2020). Além disso, vale indicar que três participantes cis/héteros (dois homens e uma mulher) compõem os 25% que indicaram possibilidade de uso, o que deve depender da dinâmica de suas vidas e relações sociais. Logo, tal uso será possível para determinadas intenções, não elencando essa manifestação linguística como improvável.

As questões que envolvem o gênero gramatical e o gênero biopsicossocial se aproximam, enquanto manifestações de padrão binário, uma vez que, ainda que poucas palavras do português sejam relativas ao sexo em si, o gênero gramatical é posto em polo feminino e masculino. O primeiro é indicado por desinência no vocábulo ou por ser acompanhado de artigo “a” dentro da unidade sintática; já o segundo, marcado pelo artigo “o”, tem sua desinência indicada como não marcada, como diferentes gramáticos apontam. Entretanto, como é comumente compartilhado, o masculino está para “o” assim como feminino está para “a”.

Posto isso, o jogo discursivo com as categorizações de feminino e masculino no contexto das práticas linguísticas de LGBTQIA+ é algo presente. Como defende Santana (2018), o gênero gramatical funciona como variável que compõe a identidade da linguagem de gays, sendo recurso comum entre os mais jovens, em situações de alta descontração e maior grau de proximidade com os/as interlocutores/as. Para além disso, o autor deixa em destaque que as construções masculinas compõem o vernáculo dos gays por ele estudados, mas o feminino representa um estilo condicionado por fatores pragmáticos particulares e isso reflete no que o autor chama de **persona gay**, sendo uma das personalidades que compõem a identidade desses sujeitos. Entretanto, na perspectiva de identidade múltipla de Hall (2006)¹⁰, acredito que essa persona gay tem suas unidades características

¹⁰ “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso [...]” (Hall, 2006, p. 12). Essa fragmentação se refere à produção da concepção pós-moderna de sujeito que não é fixa, essencial e permanente, constituindo o que Hall (2006) indica ser uma “celebração móvel”, a qual é “[...] formada e transformada continuamente em relação às formas pelas

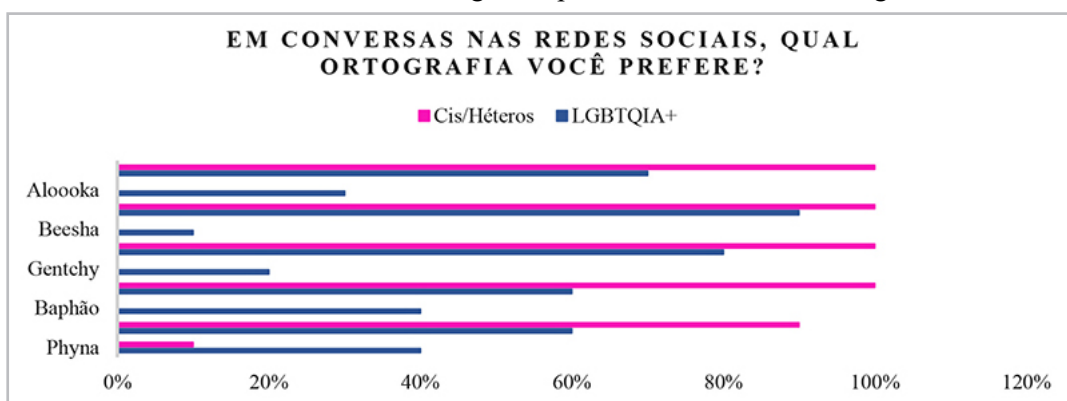
compartilhadas com outros sujeitos LGBTQIA+ e simpatizantes.

Posto isso, reconheço que vivemos numa sociedade machista e sexista. A própria linguagem revela isso, pois os jogos de poder e as práticas sociais existem porque muitas ações se manifestam linguisticamente. Dito isso, cabe-nos questionar em que medida a mudança linguística reivindicada pelo levante de um grupo modifica o sistema social constituído por aqueles/as que ainda não se reconhecem como machistas e sexistas no país que registra números alarmantes de morte de mulheres e da população LGBTQIA+, especialmente de transexuais e travestis. Portanto, permanece a necessidade de se pensar tanto como a sociedade configura a língua quanto como a língua configura a sociedade.

Após tratar esses fenômenos, os quais se manifestam estilisticamente mediante conjunturas pragmáticas particulares – a exemplo do maior grau de intimidade entre os interlocutores –, podemos lançar nosso olhar para questões ortográficas. A ortografia, junto às regras da GN, é um dos símbolos linguísticos mais avaliados pelos/as falantes/escreventes, uma vez que é muito comum a ideia de erro de português ser aplicada a meros desvios ortográficos. Para compor o questionário, utilizei dados da pesquisa de Viana (2012), em que há registros ortográficos estilísticos presentes num blog na internet, o qual era destinado à comunidade gay.

Como posto pela autora, a entonação é uma das características da tida “fala gay”. Contudo, quando em contexto de escrita, os aspectos tonais e prosódicos não são contemplados pela ortografia, uma vez que a ortografia é uma criação humana que serve, ou passou a servir, aos propósitos, especialmente de produção de textos formais mediante uma língua oficial. Entretanto, a comunidade LGBTQIA+ pode estilizar a ortografia em meio às práticas linguísticas que realizam. Isso é importante porque, “[...] seguindo o padrão gramatical, poderemos contribuir, de forma significativa, para o seu processo de descaracterização” (Viana, 2012, p. 80). Dito isso, apresentei para os grupos de participantes algumas das formas ortográficas, questionando a de sua preferência em conversas nas redes digitais. Foi obtido o seguinte resultado:

Gráfico 7: Preferência ortográfica para conversas em redes digitais



Fonte: Souza-Silva (2022)

quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006, p. 13). Por essa ótica, a identidade é historicamente situada.

Com base no gráfico (7), há o grupo Cis/Hétero com preferência pela ortografia padrão, ainda que as conversas em redes digitais possam ser caracterizadas pela informalidade/coloquialidade, exceto por uma participante que indica preferir o uso de **phyna** em vez de **фина**. Já o grupo LGBTQIA+ apresenta entre 10% e 40% participantes que fazem uso das formas **alooka**, **beesha**, **gentchy**, **baphão** e **phyna**. Desse modo, identificamos mais um reconhecimento de manifestações linguísticas que fogem ao padrão que funcionam e alimentam as identidades desses/as participantes em suas práticas linguísticas, ficando provavelmente mais evidentes nas conversas com aqueles/as que têm mais intimidade.

Como se observa, a maioria dos LGBTQIA+ (40%) tem preferência pelo que Viana (2012) diz se tratar do **resgate de uma ortografia clássica**, caracterizado pelo uso do **ph**. Desse modo, o segmento sonoro desvozeado [f] é grafado fora dos padrões ortográficos atualmente vigentes: **baphão** e **phyna**. Logo depois, há **alooka**, indicando 30%, tendo como característica o **alongamento vocálico** na grafia, fenômeno que possibilita maior peso para a sílaba que passa a ser um alvo prosódico (Martins, 2006 *apud* Viana, 2012). Ao manifestar esse tipo de uso nas redes digitais, os sujeitos LGBTQIA+ fogem aos padrões gramaticais, inclusive silábicos do português, uma vez que fazem uso de fenômenos semio-fonéticos que estilizam a linguagem por meio de alongamentos vocálicos, que funcionam como marcadores de um efeito de hiperbolização, como afirma Viana (2012). Por isso, é válido apontar o que a autora registra:

Muitas vezes, ao invés de elogiar algo como interessante ou legal, alguns homossexuais preferem dizer que tal coisa é um ‘arraaaaso’, ‘baaaarbaro’ ou ‘magniiiiiiifico’, acentuando a sílaba tônica por meio da repetição de sua vogal. Em outros contextos, o alongamento deixa de ser utilizado na representação do exagero e passa a ser relacionado à maledicência, como podemos observar no termo ‘Beeznagueenha’. Nesse exemplo, o alongamento vocálico provoca uma manutenção da nasalização, o qual é comumente utilizado por gays masculinos para expressar algo impudente (Viana, 2015, p. 85).

Após esse fenômeno, há o **gentchy**, que registra 20% de preferência de uso, tendo como característica a **marcação da africada** que, segundo Viana (2012), ocorre pela palatalização, nesse caso, do [t]. Para tal, os segmentos consonantais africados desvozeados [tj] são marcados utilizando como estratégia de escrita o padrão – tch ou tsh –, conforme indica a autora. Acrescenta-se também a **marcação da fricativa desvozeada**, decorrente de uma marcação acentuada da fricativa alveopalatal. Portanto, marca-se ostensivamente esse segmento, como em **beesha**, registrando 10% de preferência por parte do grupo LGBTQIA+.

Essa estratégia de escrita fonética, apontada por Viana (2012) em meio às práticas linguísticas de homossexuais em um blog, é concebida como escrita oralizada, conforme indica Recuero (2014), ao afirmar que, com a apropriação do ciberespaço para práticas de conversação, a linguagem nesse contexto precisou ser adaptada. Assim, foi necessária a incorporação de formas para “[...] indicar elementos que são essenciais para a “tradução” da língua escrita em língua falada, como elementos de dimensão prosódica da fala [...]” (Recuero, 2014, p. 46). Nessa direção, não se trata apenas de

uma necessidade de sujeitos LGBTQIA+. Mas, ao que parece, esses sujeitos extrapolam esse recurso, possibilitando que cada unidade gráfica, que reproduz determinados elementos fônicos, forme um conjunto de constituintes que caracterizam a construção de um ethos gay masculino, conforme indica Viana (2012), ou, como prefiro, a **construção da persona**.

Por fim, há a discussão sobre algo que é tão característico e associado às pessoas LGBTQIA+: o riso¹¹. Para tanto, questionaram-se os grupos de participantes sobre a preferência pelo uso de estratégias de riso, ironia e/ou deboche em suas comunicações, indicando as seguintes opções: **nunca**, **depende** e **sempre**.

Mediante o gráfico (8), a seguir, o grupo LGBTQIA+ se faz presente em todas as opções. Desses, 60% indicam a opção **depende**. Logo, não descartam os efeitos discursivos e pragmáticos desse mecanismo. Os/as demais 40% indicam a opção **sempre**, revelando um uso mais expressivo e habitual desse mecanismo. Além disso, a opção **nunca** não teve indicações por parte de LGBTQIA+. Logo, o riso, a ironia e o/ou deboche são efeitos de sentido que não podem ser descartados de suas comunicações. A partir disso, entendo que esses itens não linguísticos – que funcionam, inclusive junto a gestos, expressões faciais e corporais – são menos dispensáveis para LGBTQIA+ do que para Cis/Héteros, uma vez que esse grupo compõe, em sua maioria (80%), a opção **depende**. Dito isso, tem-se o seguinte resultado:

Gráfico 8: Frequência do riso, ironia e deboche em comunicações



Fonte: Souza-Silva (2022)

Do grupo Cis/Hétero, dois participantes se desviaram para as outras duas opções. Assim, um homem cis/hétero indicou nunca fazer uso desse mecanismo, mas uma mulher cis/hétero disse sempre fazer uso. Posto isso, entendo que essa participante, no seio de sua comunidade e em meio às suas

¹¹ Embora o riso seja uma manifestação de linguagem, não é uma manifestação de língua. Apesar de os dois conceitos serem imbricados, a concepção de língua sob ótica sociolinguística é sistêmica, o que implicaria em sua correlação com a linguagem em nível mais geral da comunicação. Ainda que seja um sistema variável, é um sistema, ou seja, as formas desse sistema são correspondentes a seus níveis de análise. Por isso, cabe ressaltar que o riso é um marcador discursivo da linguagem e a percepção dos/as informantes demonstra sua natureza enquanto um recurso pragmático, sendo oportuno no interior de uma interpretação sociolinguística.

A linguagem da diversidade lgbtqi+ como opção de uso: um estudo sobre atitudes linguísticas

práticas linguísticas, tem esse mecanismo como importante, considerando que a posição da mulher na sociedade brasileira ainda é avaliada sob um prisma conservador. Portanto, a depender de suas redes sociais, é provável que esse mecanismo seja um recurso do efeito espada/escudo.

Nessa direção, concordo com Fry e MacRae (1991) que mulheres¹² e LGBTQIA+, bem como todos/as que sejam socialmente discriminados/as, produzem estratégias sociais eficientes para inverter as relações de poder estabelecidas pelas formalidades sistemáticas. Dessa forma, é importante refletir que o riso contextualizado nas práticas linguísticas de LGBTQIA+ é expressivo, agride as formalidades e, como indica Alonso (2010), desacata o sério. Nesse sentido, entendo que essas questões não linguísticas contribuem para as performances sociolinguísticas de pessoas LGBTQIA+, compondo seu arsenal de instrumentos de ataque/defesa e possibilitando o efeito espada/escudo frente aos embates sociais que lhes coloque em situações que requeiram o uso da linguagem como ferramenta de sobrevivência.

Considerações finais

Analisados esses dados, identifico que algumas pessoas LGBTQIA+ tendem a preferir recursos linguísticos que os/as retirem da margem e os colocam em destaque. Desse modo, estilizando a língua(gem), esses indivíduos acabam por marcar seus conflitos nos diferentes sistemas que estabelecem regras: o sexual, o de gênero e o linguístico-gramatical. Assim, entendo que o critério da uniformidade pode ser aplicado a um sistema linguístico, mas essa propriedade não é constitutiva dos/as falantes, como indica Milroy (2011). Para melhor compreensão das interseções desses sistemas, proponho entendê-lo como um algoritmo que determina e/ou delimita como devemos compartimentalizar nossas práticas linguísticas, sexuais e de gênero. Então, acima está o sistema social, o qual funciona e aciona diferentes ideologias, crenças e atitudes mediante suas principais agências: Estado, igreja, família, escola e trabalho, as quais estabelecem, cada uma a sua maneira, como devem funcionar seus microssistemas.

Mediante a gama de trabalhos já produzidos, bem como dos que compõem notas e citações neste artigo, entendo que a identificação dos sujeitos LGBTQIA+ com as práticas de sua comunidade se manifesta linguisticamente via uso. Assim, não nego o papel da coletividade na constituição identitária, uma vez que é o sentimento de pertença dos sujeitos que corrobora certos usos linguísticos. Então, a pretensa individualidade ou a ideia de “condição exclusiva” de LGBTQIA+, a qual as análises possam ter sugerido, não são de meu interesse. Trata-se de registrar que, ainda que forjados na coletividade, esses sujeitos apresentam singularidades ao negociar suas identidades sexuais e de gênero via recursos da língua(gem).

¹² Considero importante destacar que a agenda feminista é produto de um movimento diversificado. Logo, ser mulher cis-hétero não faz automaticamente a pessoa consciente e opositora a opressões sociais, mesmo que de gênero. O texto de Fry e MacRae, em edição da década de 90, não leva em consideração discussões atuais e foi produzido encapsulando as mulheridades na figura da mulher cis-hétero-branca de classe média. Aqui, adoto a ideia dos autores, mas uso do termo “mulher” em sentido “guarda-chuva” diante das múltiplas formas de ser mulher.

Dessa maneira, o sistema linguístico é concebido de modo normativo, com base em um viés estrutural, com um padrão a ser empregado como modelo gramatical. Também há os sistemas sexual e de gênero que funcionam paralelamente. O primeiro é regido por uma heterossexualidade compulsória (Rich, 2012 [1993]) – diz respeito à concepção social de que a heterossexualidade é uma inclinação socialmente imposta em seres humanos, posto que as relações sexuais ocidentais têm a heterossexualidade como padrão. Já o segundo funciona numa lógica binária compreendida nos polos masculino e feminino que se retroalimentam.

Portanto, antes que alguns se inclinem a apontar as estilizações de LGBTQIA+ como feias, ridículas, “engraçadas” em tom de crítica negativa, desnecessárias – revitalizando o fato de que o preconceito linguístico é poderoso instrumento ideológico –, seus olhares devem ser direcionados para a estrutura social sob a qual vivemos e como essas pessoas continuam sendo discriminadas, assassinadas e destituídas de livre-arbítrio para serem impopulares com segurança.

Por fim, é possível compreender que pessoas LGBTQIA+, socialmente engajadas, tendem a favorecer usos linguísticos performáticos. Contudo, eles não devem ser categorizados como usos prototípicos da comunidade, haja vista as múltiplas identidades que se interseccionam no contexto da variável sexo/gênero, bem como pelas questões que popularizam esses usos, seja pelo contato intergrupos ou pela midiaticização. Isso revela um movimento de aculturação promovido pela linguagem e seus diferentes signos.

Referências

- ALONSO, Nilson Tadeu de Queiroz. *Entre segredos e risos: gíria da diversidade sexual paulistana*. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica da São Paulo, São Paulo.
- ARAÚJO, Gabriela Costa. *(Re)encontrando o Diálogo de Bonecas: o bajubá em uma perspectiva antropológica*. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- BARROSO, Renato Régis. *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.
- BENEVIDES, Bruna. *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022*. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- BORBA, Rodrigo. Linguística *Queer*: algumas desorientações. In: BORBA, Rodrigo (org.). *Discursos transviados: por uma linguística queer*. São Paulo: Cortez, 2020, pp. 08-46.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.
- CARVALHO, Danniell da Silva. As genitálias da gramática. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, pp. 1-21, 2020.

A linguagem da diversidade lgbtqi+ como opção de uso: um estudo sobre atitudes linguísticas

CARVALHO, Danniell da Silva; ALMEIDA, Rafael Gurgel. Autopercepção e Identidade Linguística em Comunidades de Prática Gays em Salvador, Bahia. *Sociodialeto*, v. 7, pp. 82-98, 2017.

CERQUEIRA, Fernanda Oliveira. Norma padrão e norma dita culta: confusão sistêmica entre instrumento linguístico e amostra de variação. *Revista Porto das Letras*, v. 9, n. 2, 2023, pp. 458-477.

ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope; McCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. Tradução de Branca Falabella Fabricio. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (org.). *Linguagem, Gênero e Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, pp. 93-107. Editorial, 2009.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, pp. 87-100, jun. 2012. DOI:10.1146/annurev-anthro-092611-145828

FELIX, Rafael de Almeida Arruda. *Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística*. 2016. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristiane (org.). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015, pp. 17-74.

FRY, Peter; MCRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORA, Dermeval. Variação dialetal e atitude. In: HORA, Dermeval da; NEGRÃO, Esmeralda (org.). *Estudos da Linguagem: casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia, 2011. pp. 15-36.

HORA, Dermeval. Sociolinguística(s)? In: HORA, Dermeval; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto (Org.). *Linguagem: variação e estrutura da língua*. Campinas: Pontes Editores, 2021, pp. 15-37.

KAUFMANN, Goz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 121-137.

LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. E. *Psicologia Social*. 03. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LOPES, Leonardo Wanderley. *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação ao sotaque regional no telejornalismo*. 2012. 140 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

- LUCENA, Rubens Marques. Um olhar quanti-qualitativo sobre o efeito da variável “tempo de exposição” em fenômenos de acomodação dialetal. *Gragoatá*, v. 42, pp. 100-130, 2017.
- MARTINS, Eduardo Simões. Os papéis sociais na formação do cenário social e da identidade. *Kínesis*, v. 2, n. 04, pp. 40-52, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. Tradução de Marcos Bagno. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, pp. 49-88.
- NOGUEIRA, Jamilyns Maiara da Silva. *O vocativo numa comunidade de prática gay de Serra Talhada-PE: descrição e uso*. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- PEREIRA, Carlos Alberto. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.
- PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: LPB, 2010.
- RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. 2. ed. Sulina: Porto Alegre, 2014.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos G. do Valle. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, pp. 17-44, 2012.
- RIGAUD CAMPOS, Murilo; CERQUEIRA, Fernanda Oliveira. Expressões genéricas na comunidade LGBTQIA+. *Travessias interativas*, v. 12, n. 26, pp. 131-144, 2022.
- SANTANA, Wenderson Phelipe da Silva. *Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay*. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SILVA, Mikaylson Rocha; GOMES, Almir Anacleto de Araújo. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 12, pp. 53-70, 2020.
- SOUZA-SILVA, André Luiz. *Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQIA+ : atitude, identidade e estigma*. 191 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- SOUZA-SILVA, André Luiz; DIAS, Thayse Rocha; BEZERRA, Fábio Alexandre. Linguagem, gênero e sexualidade na educação de jovens e adultos: uma proposta de multiletramentos críticos. *Revista do GELNE*, v. 23, pp. 99-117, 2021.
- SOUZA-SILVA, André Luiz; LUCENA, Rubens Marques de. A variável sexo/gênero em estudos sociolinguísticos: um panorama das três ondas, *Prolíngua*, v. 16, n. 1, pp. 178-188, 2021.
- TREVISAN, José Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

A linguagem da diversidade lgbtqi+ como opção de uso: um estudo sobre atitudes linguísticas

VIANA, Elisângela Oliveira. *Estratégias de construção do ethos gay masculino no blog katylene.com: um estudo da multimodalidade e das gírias gay*. 2012. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. *In: XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*. João Pessoa: Ideia, 2014, pp. 1740-1749.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 13, pp. 216-221, 2007.